

**Acción  
Realista**

**revista  
quincenal**

Na séde da Acção Realista recebem-se donativos para a Assistencia aos Monarquicos Necessitados.

---

## SUMARIO

<i>Dois mortos</i> .....	por Alfredo Pimenta
<i>Monsanto</i> .....	» Carlos Velloso
<i>19, Janeiro, 1919</i> .....	» Delfim Maya
<i>Recordando o combate</i> .....	» F. Xavier Quintella
<i>As duas bandeiras</i> .....	» José Pedro Folque
<i>A massa amorpha</i> .....	» D. Ruy da Camara
<i>Ecos.</i>	
<i>Um ano</i> .....	» Caetano Berão
<i>Acção Realista Portuguesa.</i>	

## EXPEDIENTE

Participamos aos nossos assinantes que vamos proceder á cobrança da segunda série de dez números desta revista. Mas, para evitar despeza de cobrança pelo correio, muito nos obsequiavam todos aqueles que nos enviassem expontaneamente a importância de suas assinaturas, em troca do que remeteriamos o respectivo recibo.

Toda a correspondencia relativa à administração deve ser endereçada ao editor desta revista, Antonio Ferreira Junior.

---

Dois pedidos fazemos hoje aos nossos estimados leitores :

**1.º que concorram, na medida das suas posses, para a subscrição do diário da Acção Realista ;**

**2.º que cada um consiga, pelo menos, mais um assinante desta revista.**

# AÇÃO REALISTA

REDACTOR PRINCIPAL : ERNESTO GONÇALVES

Redacção e Administração RUA DA BARROCA, 59, S/LOJA	EDITOR Antonio Ferreira Junior	Assinaturas (Pagamento adiantado) SÉRIE DE 10 N.º — 10\$000 RÉIS Numero avulso — 1\$000 réis
--	-----------------------------------	--

## DOIS MORTOS

Antonio Sardinha, ás oito horas da manhã do dia 10 de janeiro de 1925, em Elvas. Annibal Soares, ás oito horas da noite do dia 10 de janeiro deste mesmo anno, em Lisboa. Dois tumulos que, no mesmo dia, se abrem. Duas forças que, no mesmo dia, desaparecem. Duas saudades que, no mesmo dia, se criam, a do primeiro, exclusivamente para o meo espirito, a do segundo, para o meo espirito e para o meo coração, mas principalmente para este.

Conheci-os ambos em Coimbra. Conhecemo-nos, do mesmo lado da trincheira. As circunstancias da politica afastaram-nos. As mesmas circunstancias nos aproximaram.

Fallemos, primeiro, do primeiro, que foi o que abriu a tragedia de 10 de janeiro. Porque foi uma tragedia que só os corações insensíveis não choram, e os espiritos falhados não lamentam.

Antonio Sardinha tinha um lugar conquistado á custa de um labor persistente e são, na *élite* do Pensamento portuguez.

Estavamos de relações cortadas, por causa do incidente politico, a que se ficou chamando a scisão do Integralismo Lusitano. Melhor: foi elle quem cortou as relações comigo. Varias vezes, depois disso, se me referio com injustiça; varias vezes, depois disso, me referi a elle com azedume — este azedume que nós offerecemos nos labios ou no bico da pena, mas que não tem raizes no coração. Este azedume que a gente, neste Paiz, tem, muitas vezes, de manifestar, para que nos não supponham intimidados ou acobardados. Que ficou da injustiça com que me tratou? Não sei. Que me ficou do azedume com que o tratei? Nada.

Em Antonio Sardinha, ha que distinguir o pensador, do escritor. Como pensador, foi, quasi sempre, dos melhores. E mesmo quando o não era, não se busque a causa de o não ser, no mau pensamento, mas, sim, no perigo do seo pensamento. Antonio Sardinha, ás vezes, pensava perigosamente. O seo hispanophilismo foi um pensamento perigoso. Era sob esse ponto de vista que eu me preparava para encarar o seo ultimo livro — *Alliança peninsular*. Se como pensador foi quasi sempre dos melhores, como escriptor, foi quasi sempre imperfeito.

Vejamos os seus livros de versos; vejamos os seus livros de proza. Era um poeta,

Antonio Sardinha? Era, a seu modo. O seu feitio não se coadunava com o meu. Nem os seus temas eram os meus, nem as suas tendências eram as minhas, nem as suas concepções estheticas eram as minhas. Mas era poeta — pois tinha imaginação creadora. Punha essa imaginação, em excesso, ao serviço do seu pensamento politico ou critico. Eis, para mim, o seu defeito. Mas como a imaginação creadora lhe não faltava, era poeta, e poeta muito mais valioso do que essas dezenas de creaturas que as tertulias cafezeiras dizem montar o Pegaso e tutear Apolo.

Mas a forma em que moldava os arroubos da sua imaginação, essa era fria, opaca, inharmonica, destituida de caracter muzical — e a muzicalidade é a qualidade essencial da forma poetica. A muzicalidade, a transparencia, a diaphaneidade da forma são condições imprescindiveis para que uma obra poetica mereça o meu louvor. Sem essas condições, pode haver um Poeta, mas não ha um Artista. Faltaram a Antonio Sardinha, como faltaram algumas vezes, ao primeiro poeta portuguez — a Anthero do Quental. Superabundavam em Baudelaire, e Baudelaire, ainda que isso custe a Schéerer, é um dos primeiros artistas da França. Tem-nas, em alto grau, Ruben Dario, nos seus versos, Valle Inclan nas suas *Sonatas*, Swinburne nos seus *Poems and Ballads*, como Debussy e Dukas, nas suas musicas... *Et Jen passe*. Poeta, mas não Artista, Antonio Sardinha, no entanto firmou-se na Historia da Poezia portugueza, e o seu nome não pode ficar esquecido, quando se annunciarem os que cultivaram a feição regionalista da Poezia.

Os seus livros de proza deram a medida do seu saber como pensador. E, como pensador, repito, é, quasi sempre, dos melhores. Duma vasta cultura historica, pelo que dizia respeito á Peninsula, se Deus lhe tivesse concedido largos annos de vida, Antonio Sardinha deixaria seguramente uma obra de conjunto, synthetica, de reconstituição e reabilitação que faria descer para planos muito inferiores os trabalhos perniciosos de Oliveira Martins e algumas concepções de Alexandre Herculano. Tinhamos uma grande esperança nas canceiras historicas de Antonio Sardinha. Quando lhe não fosse possivel crear a Historia de Portugal, dirigido apenas pelo manuseamento, pelo estudo directo dos Documentos, temos todos os motivos para crêr que poderia, com o seu senso critico, e com a sua intuição nacionalista que lhe permitia vêr o que os pedantocratas não vêem, fazer a revisão integral da Historia de Portugal, dando-nos uma obra que fosse a synthese intelligente de todos os trabalhos historicos portuguezes, expurgados dos erros, dos preconceitos, das falhas, das manchas que os diminuem. Mas Deus não quiz. E das suas aptidões, fica-nos a copia de ensaios que, para felicidade e honra da cultura portugueza, pôde ainda organizar e dispôr em volume: *No Principio era o Verbo e Alliança peninsular*.

Se, como Poeta, não possuia a muzicalidade, como prosador faltava-lhe a clareza e a leveza. Os trabalhos de Antonio Sardinha são difficeis de lêr. Porque sabia muito, seduzia-nos pelo que sabia, levando de vencida o enfado que a sua forma arrastada, pesada, pastosa, turva, nos causava. Repetia-se, desarticulava-se, desorganizava-se. Este seu ultimo livro *Alliança Peninsular*, o mais solido de todos os seus livros, em que debate com não vulgar intelligencia, muitos dos mais complexos problemas da Psychologia historica da Peninsula, este seu ultimo livro filtrado atravez dum Renan, reduzir-se-hia a cem formosas paginas eternas. São raros os grandes pensadores que são bons escriptores: os Renan, os Pascal são raros. Augusto Comte que foi, senão o maior, um dos maiores pensadores da França,

escreveo a sua obra em prosa intragavel. Theophilo Braga, que apurado, limado, tratado, fica, ainda, grande, foi um pessimo escriptor. Sampaio (Bruno) e Bazilio Telles foram maos escriptores, a despeito de vastas e cultas intelligencias. Duma conferencia de Antonio Sardinha sobre S. Thomaz, dizem-me espiritos intelligentes que a ouviram, ser uma obra incomprehensivel. Porquê? Unicamente pela sua forma. Não ha assumptos, por mais difficeis, estereis, abstractos, subteis, que não possam traduzir-se em linguagem clara, transparente, leve e perfeita. A *Critica da Razão pura* de Kant, a *Ethica* de Spinoza, e *Summa* de S. Thomaz são reversiveis; a questão é possuir-se o dom natural, que não se aprende, que nasce comnosco, da linguagem.

Resta fallar de Antonio Sardinha, como politico, — porque o desventurado Antonio Sardinha tambem foi politico. Depois de ter prestado culto, na sua mocidade, ás phantasias revolucionarias — o que é apanagio de todos os espiritos avidos, confirmado o facto pelos ensinamentos da Sciencia, — Antonio Sardinha aportou á verdade historica da politica portugueza — a Monarchia tradicional. Fomos companheiros, nos primeiros numeros da *Nação Portugueza*, e lado a lado combatemos pelos mesmos principios. Ultimamente, parece que Antonio Sardinha hesitava deante da questão dos systemas politicos, ou porque a considerasse, e, nesse caso, erradamente, secundaria, ou porque a reputasse, em Portugal, por ora, irresolovel. Algumas expressoens suas da ultima hora, algumas atitudes e convivencias suas dos ultimos tempos podem levar-nos para a primeira hypothese. Mas não me sinto possuidor de elementos precisos para julgar em ultima instancia.

No entanto, podemos affirmar que o Principio monarchico perde um dos seus mais eminentes doutrinarios — porque durante annos, Antonio Sardinha foi um admiravel luctador e propagandista da verdade monarchica.

E fallemos do segundo — do meo querido Annibal Soares, que encerrou a tragedia do dia 10 de janeiro.

Annibal Soares foi um admiravel escriptor que a Politica desviou da sua trajectoria normal. O seu romance *Ambrosio das Mercês* foi uma promessa e uma affirmação. Já ahi, nessas esquecidas paginas, se mostram as qualidades fundamentais da personalidade litteraria de Annibal Soares: o estylo, agradavel, fluente, *souple*, vestindo a idéa, sem a occultar, antes revelando-lhe os contornos, as curvas, os angulos, as atitudes, e a ironia, doce, suave, á flor da pelle, que nos fazia sorrir, como um perfume. . . Mas a Politica, quando Annibal Soares deixou Coimbra, tomou conta de escriptor que elle devia ser, que elle queria ser, que elle, toda a vida, teve pena de não poder ser, e fez d'elle um jornalista. O jornalismo portuguez é, para um escriptor, Calvario e Inutilisação. Absorve-o, domina-o, abafa-o. Eu podia, e queria, estar hoje a celebrar o escriptor Annibal Soares, passando ligeira e agradavelmente sobre a sua obra, a obra que elle lamentava não ter feito e já não poder fazer, e vejo-me obrigado a fallar do jornalista Annibal Soares, disperso, perdido, olvidavel, porque é sina dos jornalistas dispersarem-se, perderem-se, esquecerem.

Como jornalista, da geração actual, foi o mais bello e o mais encantador. Foram os seus artigos do *Diario Illustrado* e do *Correio da Manhã* que Alvaro Chagas dirigia, que mo revelaram. Não sabia que eram de Annibal Soares. Mas, todos os dias, eram esses ar-

tigos famosos e formozos os que en primeiro lia. Artigos de ataque ou artigos de defeza — elles sobressahiam, para o meo espirito, dentre todos os da imprensa do tempo. A forma era magnífica — pela clareza, pela docilidade da phrase, pela maneira como se ajustava ao character do assumpto. A doutrina era firme, direita, correspondendo com segurança ao objectivo estabelecido.

Depois, emigrou. Depois, regressou. Regressado, eil-o, de novo, na liça. No *Nacional*, de vida ephemera, no *Diario Nacional*, e no actual *Correio da Manhã*, Annibal Soares foi, dentro do seo criterio, o melhor defensor, pelo modernismo da sua maneira, pela virtuosidade da sua argumentação, e pela singeleza da exposição, das ideas de que estava possuido e dos processos politicos em que se integrara. Não foi um doutrinario : foi simplesmente um jornalista. A gente não recorda hoje a sua doutrina ; mas a gente não esquecerá jámais a sua graça, o seo humour, as suas *boutades*, as suas *trouvailles*, a sua característica habilidade para piparotear o adversario, e para pôr fóra do combate quem se atrevesse a ripostar á sua ironia. Ironia que não era má, isto é, que não tinha maldade, cujo contheudo era innocente, cuja acção não contundia. A sua ironia era da natureza da ironia de Eça de Queiroz ; delicada, enluvada, elegante, *bien mise*, tão longe da laracha ignobil de certos banaboias que arrotam suas sandices torpes e obscenas nos beccos da vidairada, como uma esphera está longe dum punhal. Era a ironia dos grandes *charmeurs* da conversa, a ironia das pessoas que nunca se esquecem nem do respeito que se devem, nem do respeito que é devido. Foi na secção *Actualidades* que creou e quasi exclusivamente escreveo, que Annibal Soares deixou, para o gosto sybarita do publico, o melhor do seu encanto, como jornalista. Obra de occasião, da hora que passava, ella está hoje tumulisada na collecção do jornal, e tão fria como a elegante mão que a escreveo. Escreveo a, sorrindo, a trebelhar do que escrevia, sem reparar em que a morte o rondava, desejoza de o levar. Sabe Deos com que esforço sentimental escrevo estas linhas sobre Annibal Soares. Fomos amigos. Foi pela sua mão que o meo nome appareceo, a primeira vez, na imprensa monarchica. Para seo collaborador me chamou, quando se fundou o *Diario Nacional*. Para seo collaborador me chamou, quando surgiu o *Correio da Manhã* actual. Os nossos coraçoes não tinham segredos. E que bello coração, o seo! Affectuoso até a ternura, delicado até a infantilidade. Quando o incidente politico que deo origem á Acção Realista Portuguesa nos separou, nem por isso deixamos de ficar amigos como sempre fomos. Quantas calumnias se proferiram, por essa occasião ! Quantas maldades ! Quantas insinuaçoens infames ! Quizeram attribuir esse incidente a desentendimentos pessoais entre mim e elle. E nunca desentendimento algum pessoal turvou as nossas relaçãoes de annos seguidos. Nunca ! Eu tinha o meo lugar, elle tinha o delle. Eu era o que sou, elle era o que era, — mas um para o outro, fomos amigos, tão amigos, que a sua bondade chegou ao ponto de receber com palavras affectuosissimas o meo ultimo livro. E a sua ultima carta, que me escreveo, para Collares, no verão passado, era bem a prova da sua amizade . . .

Recordo tudo isto, e nem quero crêr que esteja a escrever sobre a memoria de Annibal Soares. Parece-me um sonho que elle tenha morrido . . .

Sonhou realisar uma obra, queria deixar uma obra, e deixa uma sombra. Quantas vezes no seo gabinete do *Correio da Manhã*, elle me dizia, com tristeza, com desconsolo e abatimento ; «você, afinal, ainda é feliz : deixa uma obra litteraria ; mas eu, que deixo eu ? !»

Pobre Annibal Soares ! A sua alma foi gentil, a sua intelligencia foi lucida e culta. A Causa Monarchica perde, em Annibal Soares, um dos seus elementos mais valiosos, e a Imprensa portugueza onde são mestres, mas da geração anterior, Fernando de Souza, Moreira de Almeida, Brito Camacho e Cunha e Costa, um dos seus cultores mais nobres. São tão poucos os homens que realmente valem, que o vazio aberto nas suas fileiras é dos que nos deixam inquieto e apprehensivo.

Depois da morte, não ha discordias. E na presença de Deos, não ha desintelligencias. Por isso eu junto, nesta hora de tristeza sem consolação, os dois mortos—tanto mais que se o primeiro deixa uma inconfundivel saudade no meo espirito, o segundo a deixa, no meo espirito e no meo coração.

Que Deos os tenha recebido na sua infinita misericordia, é o unico desejo que eu posso formular, digno da admiração que o primeiro me merecia, e da admiração e do amor, que o segundo me despertava.

*Em 11 de janeiro de 1925,  
às 9 h. da noite.*

*Alfredo Pimenta.*

*P. S., em 17 de janeiro.*

O *Correio da Manhã* é, hoje, consagrado, na sua quasi totalidade, á memoria de Annibal Soares. Fui amigo de sempre e até a sua ultima hora, e tenho o culto da sua memoria, — de Annibal Soares. Fui seu collaborador, bastantes annos, e seu collaborador politico effectivo. Por muito pouco que eu presuma dos homens, nunca suppuz a redacção do *Correio da Manhã* capaz de, deante do tumulo ainda mal fechado do que fôra seu Director, guardar rancores mesquinhos, alimentar odios vésgos, e faltar-lhe tão descaradamente ao respeito que devem merecer-lhe as cinzas de Annibal Soares. Porque bem posso dizer que com excepção dos srs. Alvaro Pinheiro Chagas, Luiz de Magalhães, José Paulo da Camara, Rocha Martins, Celestino David e Luiz Trigueiros, ninguem tinha mais direito do que eu a collaborar num numero que consagrasse, no *Correio da Manhã*, o nome querido de Annibal Soares. Entendeu este jornal que eu não contava nem devia contar — porque o meo nome faz sombra á tacanhez do seu espirito, e á fragilissima gloria a que, sem Annibal Soares, pode aspirar.

A exclusão acintoza magoou-me, não pelo jornal que a praticou, mas unicamente por me ter privado de nas proprias columnas onde durante annos, lado a lado trabalhamos, Annibal Soares e eu, e onde por varias vezes, elle me louvou e exaltou—por me ter privado, repito, de nessas mesmas columnas, eu dizer delle alguma coisa do que o meo coração sente. Essa exclusão velhaca não a perdoarei jámais ao *Correio da Manhã*. Ella corresponde admiravelmente aos propositos de unidade e entendimento com que se nos anda a encher os ouvidos...

*A. P.*

Por absoluta falta de espaço, vemo-nos forçados a interromper a publicação da «Carta aberta aos meus amigos e companheiros» do Comandante H. de Paiva Couceiro. Continualá-emos no próximo número.

# MONSANTO

Muito se tem dito e até escripto sobre esses dois dias que a Providencia destinou a mais uma provação para este Paiz. Não é raro, até em viagem de caminho de ferro, quando vae algum conhecido combatente, abordar-se ainda hoje esse assumpto e ninguem ha que não tenha palavras de censura, sempre de censura.

O publico, — aquelles que lá não estiveram, — não descortina nessa jornada infeliz senão impericia, inepecia, falta de iniciativa, e não sei quantas cousas mais, quando a verdade é que ha muita cousa bella, muita demonstração de energia e coragem, muita fé viva, o que tudo bem pensado deixa justificadas esperanças áquelles que veem no advento da Monarquia a salvação de Portugal.

Quantos dos que falam sabem na verdade quaes os reaes motivos por que a jornada foi infeliz para nós monarchicos? Pelo meu lado confesso, que entre tantos e tantos interlocutores que tenho tido, todos em absolucto não fazem uma pequena ideia do que foi Monsanto.

A objurgatoria mais constante, aquella que sahe da bocca de quantos increpam a acção de Monsanto, é a de que as nossas tropas deviam *vir por alli abaixo* e tomar conta do Terreiro do Paço. Está tão generalizada esta opinião que pode dizer-se, é a principal censura feita aos combatentes d'aquelles dias, envolvendo, está claro, nella a ideia de passividade, frouxidão da nossa gente, e da inepecia do comando, quando a verdade é que esse golpe sobre o Terreiro do Paço era simplesmente *impossivel*.

O combate uma vez iniciado defrontando-se a nossa gente com o inimigo que vinha de Lisboa, só um inepto poderia pensar em, do local onde estávamos, avançar sobre a capital.

A nossa posição era circundada pelo ribeiro que vae a Alcantara, ravinoso, intransponivel á artilharia, cavallaria e viaturas, a não sêr por uma pequena e arruinada ponte de madeira que ha perto da estação de Alcantara, ou por uma outra de pedra que é não longe da estação de Campolide. Entre estas duas pontes, a ribeira é intransponivel a animaes e viaturas mesmo em paz, sem o inimigo na frente; e pelas duas pontes, a passagem debaixo de fogo é impossivel, porque se desce para ellas em terreno absolutamente descoberto e na sua frente teem edificios a cavaleiro, d'onde algumas espingardas evitavam a passagem. Manobrar n'este espaço de terra que vae de uma a outra ponte, a fim de iludir a passagem, era impossivel pois que o nosso terreno nos tinha sempre á vista do inimigo.

E não se diga que esta opinião é a de quem, entrando no combate, quer a todo o transe defender-se a si e aos seus correligionarios, das impugnações que os que lá não estiveram nos atiram constantemente. Nada tenho com a direcção ou comando d'aquelle infeliz combate e por isso posso têr toda a imparcialidade no assumpto, mas o que é facto é que a propria historia se encarrega de demonstrar o que afirmo, isto é, que da Serra de Monsanto, com o inimigo na frente, não se passa para Lisboa.



Quando em 1580 as tropas do Duque de Alba vieram dos lados de Cascaes para conquistar a nossa capital ao Prior do Crato, este defrontou-se na ponte de Alcantara com as tropas hespanholas, então e com justiça reputadas como as melhores da Europa e portanto do mundo.

Vinham os hespanhoes cheios com o orgulho de quem tinha conquistado por essa Europa os mais ridentes louros ; fiados no seu habil e experimentado general, a quem o prestigio aureolára ; rindo-se da gente irregular, bisonha, que nem tropa chegava a sêr, com que o valentissimo Prior do Crato lhes pretendia tolher o passo.

Chegados os hespanhoes ao contacto com os nossos, o seu espanto começou por vêr que estes, em vez de fugirem deante de tanto arreganho, se firmavam ao terreno. O calor da raça ainda acudia ao peito de cada portuguez e o valente chefe a todos incutia fé e esperança. O combate fere-se rijo, os hespanhoes, vendo que o negocio não era afinal de brincadeira, reforçam-se, tomam medidas tacticas convenientes, desenvolvem em suma uma acção regular, methodica, deante dos nossos. O Prior do Crato sem tropas dignas deste nome mas valente e sabendo que os seus o são, não se importa com tacticas nem com manobras : — finca com a sua gente os pés na terra portugueza e dá a entender que a ordem é dar para baixo, sem atender ao numero nem á sciencia militar do inimigo.

O combate encarna-se, fére-se e mata-se com bravura de lado a lado, e os hespanhoes por duas ou tres vezes carregam sobre os nossos, julgando levar-nos de cambulhada pois são poucos, muito poucos mesmo em relação a elles. Na nossa gente havia de tudo menos tropa a valer mas havia de sobra a alma, a grande alma portugueza d'outros tempos, aquella que fez pasmar a Europa, a Asia, a Africa, a America. Os hespanhoes pasmam tambem de como é que não levam adiante de si tão pouca gente e começam a sentir talvez apreensões sobre o resultado do combate ; talvez mesmo aos mais graúdos lhes passe pela mente Aljubarrota, Valverde, Atoleiros ! Que diabo, seria ainda a mesma gente que nunca contava o numero do inimigo ?

O que é facto é que o general, vendo a partida muito seria, perdeu os rompantes de levar aquella gente de enxurrada deante de si como quem leva um rebanho timido de ovelhas. Pensou então talvez, que com portuguezes d'aquelles velhos tempos, as coisas não podiam ir tanto á valentona e que era necessario utilizar as qualidades militares da sua tropa, que se estava batendo contra um bando armado incapaz portanto de manobras.

N'esta ordem de ideias destacou um nucleo forte de infantaria hespanhola para subir a serra de Monsanto, e a certa altura, ahi pelas do actual tunel do Caminho de Ferro transpôr o ribeiro e surprehender os nossos pelo flanco direito e rectaguarda.

A manobra executou-se em parte, sem que nem o Prior nem a nossa gente déssem por tal, mas, na descida da serra para o ribeiro, gente nossa vê descer os hespanhoes e corre a avisar os companheiros que se batiam formidaveis, junto á ponte.

Como sempre, em gentes mal organisadas, não ha possibilidade de organizar a contra-manobra, mas alguns, uma mão cheia dos nossos, parte pelas encostas do lado de cá do ribeiro, a defender o passo. Vão á tôa, sem comando, sem ordem, vão os que quizeram ir, vão pouquissimos.

Chegam no entanto a tempo, e com alma, unhas e dentes defendem a passagem do ribeiro. Os hespanhoes primeiro admiraram-se de encontrar alguém pela frente, depois

riem-se porque é apenas um grupo; mas este mostra-se decidido a não ceder e não céde. Os hespanhoes empregam todos os recursos da arte militar mas a posição é tão favoravel aos nossos, que o inimigo hesita, detem-se e tem que aguardar reforços que iam a caminho.

Estes chegam, mas é só depois de uma lucta tenaz, porfiada, em que ficam no terreno muitos dos inimigos, que conseguem transpôr o ribeiro.

Tal é a passagem que hoje todos censuram aos combatentes de Monsanto não terem transposto, quando o inimigo era muito mais numeroso do que nós; a posição ainda é hoje mais favoravel a quem está do lado de Lisboa porque ha inumeras casas a cavalleiro do ribeiro que fortificam a posição; não tinhamos quasi infantaria mas quasi sómente artilharia e cavallaria, o que tornava impossivel de todo a passagem.

Não houve pois inacção nem ineptia.

Perante esta argumentação que uma vez que outra tenho exposto, dizem-me: — mas então porque não recuaram, porque não fôram para Santarem?

Não sei porque não foram para Santarem pois o comando nunca se lembrou de me elucidar das razões porque é que não tinha ido para Santarem. O que penso porém é que em Monsanto não era apenas um combate militar que se desenrolava, era alem d'isso um combate politico se assim se lhe pode chamar. Se portanto fosse de aconselhar uma retirada militar, o que é facto é que o effeito politico perdia-se totalmente e a perda da nossa posição politica ia fatalmente determinar a derrocada militar. A meu ver, recuar em Monsanto era perder tudo de uma só vez e a ordem de resistir até á ultima, visto que se não podia avançar, era a unica a dar; resistindo havia uma esperança e hoje sabe-se que bem fundada era ella: a do inimigo vir parlamentar conosco.

E se se deu a ordem de resistir, o facto é que se resistiu brávemente. Nunca se fez justiça aos vencidos politicos mas o que é verdade é que em Monsanto resistiu-se com heroismo e isso consóla a nossa alma. E resistiu-se nas peores condições pois desde o 1.º dia, que se não comia e que havia falta de munições. Na tarde do 2.º dia, quando conseguí transpôr a cavallo a linha inimiga, vindo do Alto de Duque, entrei no nosso quartel general onde um official pedia ao nosso comandante providencias, porque na sua frente, a que voltava para a ravina de Alcantara, havia tempo que se não dava um tiro por não haver cartuxos; que estavam debaixo de um fogo violento e não tinham com que responder, o que era enervante e desalentadôr. Estou a ver o Conselheiro Ayres de Ornellas, que já estava farto de saber que não havia munições, impassivel, serêno, voltar-se para mim e dizer-me: — «Distribua essas Kropatcheks pelos officiaes que ahi estão sem comando, bem como os cartuxos que lhes pertencem e sigam para a linha de fogo.»

Eram 6 carabinas que foram aprehendidas á Guarda Fiscal e 4 cartuchos por carabina! Lá seguimos com este *importante* material de guerra para a linha de fogo, que havia bastante estava silenciosa. A' nossa chegada demos aqueles 24 tiros, um tanto espaçados uns dos outros, e a linha continuou silenciosa e a receber um fogo tanto mais violento quanto o inimigo, vendo-nos calados, atirava á vontade. No entanto os nossos não arredavam pé e ali permaneciam impávidos.

Este facto e muitos outros são dignos de figurar nas glorias da raça pois só quem não sabe o que são tropas e quem nunca sentiu assobiar as balas aos ouvidos, é que não

pesa o valor que um tal feito representa. Monsanto tem muita gloria e quem sabe vêr as coisas, alli n'aquella serrania arida e escalvada, pode lobrigar qualquer coisa que liga os portuguezes de hoje ás ancestraes virtudes da raça e nos garante um futuro não indigno d'ella. Fômos vencidos é verdade mas sobretudo pela falta de munições e fômol-o galhardamente com os nossos chefes alli ao nosso lado. Onde fômos vencidos nós officiaes e soldados, foram-n'o ao nosso lado os nomes mais representativos da nossa gloriosa causa; ninguem pode dizer, que por Villa Franca ou Alemquer passassem, fugidos de Monsanto, os nossos chefes.

As ossadas d'aquelles que, para defeza da nossa independencia, alli perto baquearam contra os hespanhoes do Duque de Alba, não tremêram de vergonha sob esta terra, pela qual nós tambem alli nos batiamos. Alli mostrávamos que era da mesma raça o sangue que se estava vertendo e aquelle que ha 3 seculos tinha empapado por alli perto aquellas encostas.

E não se diga que o episodio que conto representa apenas a coragem passiva, a coragem da inercia pois que muitos e muitos factos poderia contar, mostrando a energia impulsiva tão da nossa gente.

A meia tarde do 1.º dia de combate, um grupo dos nossos civis, em geral rapazes da nossa melhor sociedade, muitos herdeiros dos mais historicos nomes de Portugal, guardava o parapeito que fica voltado para os Arcos das Aguas Livres. Subia a encosta que leva a esse parapeito, um forte pelotão de marinheiros. Trocavam-se tiros entre os dois grupos e o pelotão de marinagem subia, subia sempre e, diga-se a verdade, subia galhardamente, debaixo de um fogo nutrido.

A faixa de terra que os separa dos nossos vae-se estreitando; de cá, começa a notar-se excitação, impaciencia: são rapazes novos sem ninguem que os comande a não ser o mesmo espirito comum a todos, o amor ao Rei e a esta Terra. A marinagem adianta-se n'um arranco brioso, e então um dos rapazes, não sei qual, talvez ninguem saiba, grita aos outros: « -- á baioneta! »

N'um pulo, n'um arranco bello e digno da Ala dos Namorados, aquella rapaziada corre em desordem, serra a baixo, de coronhas no ar porque baionetas não as tinham!

A marinagem retrocede e desce a serra precipitadamente. . . .

Ha belleza, ha esperanças a sorrir-nos, ha fé nos destinos de Portugal, quando se vê isto, e dá vontade de mandar ao diabo todos aquelles conspicuos varões que a proposito de Monsanto só veem o mal que elles phantasiavam, porque em geral o mal real, aquelle que na verdade existiu, ignoram-no.

Dir-nos-hão: mas se Monsanto é tão má posição militar, como é que não viram isso; porque é que o alto comando não mandou a nossa gente para outra parte?

Eu não tenho a menor responsabilidade na ida para Monsanto, não tenho pois o criterio de me defender, mas digo pela verdade: a ida para Monsanto foi um mal mas não se foi para lá com o intuito de iniciar ali a lucta; as circunstancias foram porém mais fortes que os calculos dos homaens e a lucta teve que se dar alli. Isto constitue no entanto uma these que não tenho tempo para tratar e provar e mesmo porque entendo que ir eu mexer n'este assumpto seria ir meter fouce em ceára alheia.

# 19, JANEIRO, 1919

Não é da minha predilecção, por bem variados motivos, escrever para os jornaes e por tanto excepcionalmente o faço e só porque assim m'o pediu a «*Acção Realista*».

**Monarchia do Norte! Monsanto!** Eis o assumpto pedido, o thema difficilimo para a minha estreia.

Monsanto! Horas para mim sempre bemditas de Monsanto, cuja grandeza aquelles que lá não fôram desconhecem e comentam nas desfavoravelmente em vez de as terem vivido, *que com obras e não com palavras se havia de vencer*. Eu vos evoco com saudade!! Companheiros d'armas, eu vos lembro hoje e sempre e vos saudo a todos entusiasticamente!

Aos outros, á phalange infelizmente enorme dos que só criticam, eu pergunto:

Que fizeram? Onde se metteram? Porque não ouzaram levar-nos lá acima qualquer informação e porque, sabendo que o Governo de então esperava a todo o momento, ter de entregar-se, não deram o golpe de mão cá em baixo, no coração da cidade, onde commodamente assentados se deixaram ficar em casa?

Porque o não fizeram e nem sequer o tentaram?

Passados os dias de Monsanto, prezos já, quantas tentativas ainda para nos juntarmos aos que no Norte de **Portugal** e pelo **Rei** se batiam!

Que obstaculos á concentração e partida de tropas, para os baterem, lhes oppuzeram?

E' facilimo dizer: — *Se eu fôsse... Se eu commandasse...*

Commandando, bem poucos tomam as pesadas responsabilidades do mando, e conservam serenidade, lucidez de espirito, iniciativa.

Eu ainda me quero, apesar de Monsanto, com os criticados e deixo os criticos criticarem, porque aquelles tiveram proclamada a Monarchia no Porto, o valôr de por Ella se pronunciarem abertamente, assumiram responsabilidades, em armas afirmaram os seus ideaes alevantados, expuzeram nobremente, e com que simplicidade!, a vida, e se não venceram a vós outros, criticos de sempre, o devemos em parte.

Vencidos sim pela vossa falta de apoio. Tão perto estivemos, tão isolados moral e materialmente ficámos!

E não era difficil o que se vos pedia! Que o vosso monarchismo assomasse á janella, viesse á rua n'um grito, espalhasse um boato, estorvasse o fogo de uma peça, nos fosse dentro da cidade companheiro na lucta!

Depois de já bem longos annos, de perto terieis visto tremular altivamente n'uma das antenas de Monsanto a nossa linda bandeira azul e branca, de perto terieis assistido ao spectaculo, para mim até hoje o mais grandioso de emoção, de a ver içar, então sim, justificadamente, coherentemente poderieis ter nas vossas casas, em cima das vossas mēzas, retratos de reis e rainhas de Portugal!

Monarchico é-se por altivês e não por servilismo, é-se constantemente, sempre, em

todos os actos da nossa vida, quasi sempre contra a nossa propria algibeira, sempre e muito principalmente hoje que affirmam ser a hora das esquerdas !

Assim e só assim se é monarchico de coração !

Hora das esquerdas ! Porquê ? Com que direito ? Que ideias, que principios, que beneficios materiaes ou moraes apregoados estão **para os mandados** praticamente realizados por essas esquerdas, por essas mãos canhotas ? !

Em que paiz ? Na Russia ? Onde ?

Os operarios andam ás centenas pelas ruas de Lisbôa sem trabalho escoltados por pelotões da Guarda, vão-se fechando fabricas, mais e mais, os crimes ficam impunes, castigam-se generaes porque com patriotismo indicam o mau caminho que se está pizando e que pizam, mas de que legitimamente não querem as responsabilidades, sem castigo sargentos dão, ha muito tempo, em imprensa propria, a nota da mais completa indisciplina, vão-se tirar aos particulares e cultivar, dizem, os terrenos incultos, toldam-se os ares dia a dia escuramente, mas . . . baixou a libra, viva a Republica !

Hora das esquerdas, sim, porque vós servindo o vosso commodismo e o que julgaes ser vosso interesse, lhes daes o vosso esforço e tambem o vosso dinheiro !

H. Paiva Couceiro, irmão d'armas na Monarchia do Norte em 1919, chefes e companheiros em Monsanto, n'esta hora de lucta para nós, n'esta hora que dizem das esquerdas, eu venho dizer-vos que me honro de ter estado ao vosso lado e que o meu esforço, o meu infelizmente pequeno esforço, é, sem sacrificio, por devoção, por **Portugal e pelo Rei.**

Caxias, janeiro, 1925 .

*Delfim Maya.*

Desde que os Argonautas da Terceira decretaram a monarchia constitucional, que não é senão uma ficção republicana, a liberdade que lhes enrouquecia as gargantas deixou de ser uma palavra, para ser um castigo, cada dia mais duro.

E' que, na voz candente de José Agostinho de Macedo, o Despotismo, que sahiu por uma porta, entrou por cento e tantas.

*Luís Almeida de Braga.*

## Recordando o combate

Pede-me a «*Acção Realista*» que eu diga alguma coisa sobre Monsanto. Doloroso é para mim fallar sobre um assunto que tão fundo me fére, pois vem lembrar tanta esperança perdida, um tão grande desejo de servir, um acontecimento enfim que nos faz sangrar o coração, hoje, como o fazia quando, tendo sido vencidos, eramos levados para as prisões. Só quem tomou parte n'estes sucessos pode calcular a serie de emoções sentidas desde a morte do Presidente Sidonio Paes até á derrota de Monsanto.

Este movimento em que fomos lançados pelo infame assassinato do chefe de Estado, foi de defeza, não de ataque. Foi de defeza contra a politica d'aquelles que tiveram a primeira victoria com o assassinato de S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos e de S. A. o Principe Real, e que pela segunda vez tentavam subir os degraus do poder pela mão ensanguentada d'um assassino traçoeiro. Procuraram então as unidades, que entenderam não dever permittir que continuasse este regime de lodo e de crime, proclamar a Monarchia. Era essa a unica fórma de resguardar a Nação dos assaltos d'esses bandos de sicarios, de procurar restabelecer a nossa gloriosa tradição, de dar ao paiz um governo forte, independente e com uma sequencia assegurada.

Tendo-se dado o acto revolucionario do assassinio do Presidente Sidonio Pais, a defeza do nosso patrimonio nacional, cuja liquidação é o unico atractivo para esses bandos, tambem se deu e por quem tinha obrigação de o fazer, pela parte do exercito que foi para Monsanto e que procurou proclamar a Monarchia. Bem claramente foi nessa hora posta a questão, como o está ainda hoje : — ou vamos para a Monarchia ou então appoiamos com os nossos actos ou com a nossa inacção a perda da nossa dignidade, o assassinato e a roubalheira legalizados, o caminhar para a anarchia e para a perda da nossa independencia, que tal é a obra legada por esta republica que, para castigo de todos nós, nasceu dos erros que de longe vinham.

Houve erros em Monsanto? E' muito possivel e mesmo natural, porque é muito raro não os haver em questões d'esta natureza. Mas do que não ha duvida é de que havia brio e honra militar porque quem foi para lá combateu até ao fim. Os assaltantes de Monsanto não encontraram os soldados sós e sem chefes, como me aconteceu n'um movimento dos nossos contrarios. E' verdade que muitas criticas teem sido feitas, mas quasi sempre por pessoas que são monarchicas nas salas, recepções e chás, mas que, fóra d'esse meio, aproveitam a desorganisação a que a republica nos levou para mais facilmente augmentarem as suas bastas fortunas. D'esses nada temos a esperar, e elles só podem esperar de nós que lhes apontemos altivamente a porta quando quizerem a sua situação marcada entre aquelles que, tendo por unico incentivo o bem da Patria, souberam sacrificar-se e lutar desinteressadamente fósse em que campo fósse.

Como é possivel não sentir admiração por tantas boas vontades, por quem se sacrificou por tão alto objectivo como tem sido o de todos os combatentes da Causa desde a Galiza a Monsanto? Como é que se póde olhar para tanto sangue vertido, para tanta fa-

milia na miseria, para tanta carreira cortada, sem vêr nisso coisa mais importante do que se falhasse o alvo d'um discurso parlamentar destinado a derrubar um governo para elevar outro?

Queridos companheiros de lucta que vi tombar para sempre nos campos da batalha! Como a minha saudade não teria lenitivo, como lamentaria e desesperaria da vossa morte que julgaria inutil, se eu tivesse a mesma estreita maneira de apreciar o vosso sacrificio sublime. Mas, como vosso camarada, eu conheci bem os sentimentos que vos levaram a afrontar, de cabeça erguida, a morte que vos esperava. Como soldados só vos movia o bem da Patria, e com coragem e desinteresse agrupastes vos junto da sua Bandeira lutando contra tudo o que concorreu para fazer cahir o nosso glorioso Portugal de antanho na situação em que se encontra. Nunca fallámos de politica senão para tratármos com desprezo aqueles a quem tantas vezes vimos pôr os interesses dos partidos acima e contra os interesses sagrados da Nação

O que moveu todos aquelles que tudo sacrificaram inclusivamente a vida, foi unicamente o interesse nacional e outro não podia haver que tivesse força de os levar até onde foram. A herança d'esses sentimentos recebemol-a nós os vossos camaradas, e a vossa memoria, o sangue generoso que vertestes, não serão improductivos mas antes serão a base da orientação nacional que salvará a Patria pela qual destes a vida.

Luctaremos na paz e na guerra, com o mesmo desinteresse que sempre tivemos, pelo nosso verdadeiro Portugal sem partidos politicos e libertoç da influencia das sociedades secretas. Se não nos foi dado sacrificar a vida no campo da batalha, servir-nos-hemos d'ella para lutar constantemente e sem quebra d'animo contra o erro seja onde fôr que elle se encontre. Poderemos fechar os olhos com a consciencia de termos cumprido a missão que nos legastes, quando de novo tivermos dado a Portugal a Monarchia Tradicionalista que fez a sua grandeza, como hade continuar a sua gloria.

14 — 1 — 25.

*Francisco Xavier Quintella*

A enxertia do regimen liberal fizeram-na legisladores, estadistas e literatos copiando leis francezas por amor da arte, sem a circumspecção que a historia e o character nacional impunham. Está n'isso, provavelmente, uma das causas da anarchia violenta de 1836-1847 e da anarchia mansa que lhe succedeu.

*J. A. da Silva Cordeiro.*

# AS DUAS BANDEIRAS

Duas bandeiras foram arvoradas em Monsanto. Uma grande, devia ter pertencido, a qualquer edificio que a arvorava pacatamente em dias de festa, acompanhando o bom burguez no jubilo de ver paradas e gozar a passagem de cortejos regios. Era arreada sem honras, guardada em gaveta por mãos desinteressadas de um modesto empregado, que talvez já não visse nas suas côres a representação da Patria. Levaram-na para Monsanto, arvoraram-na na antena da telegrafia, para servir de grito de guerra e ponto de esperança à cidade de Lisbôa anciosa pelo advento da Monarquia. Subiu, mas como não estava habituada a sons marciais, tremeu ao sentir as notas estridentes da marcha de guerra em continencia de honra; tremeu como essa população que a amava no tempo em que indicava apenas festas e prazeres, sem que lhe fôsse exigido qualquer esforço, como essa grande massa de povo portuguez que tem o seu ideal de trazer por casa, e que, quando muito, tem a coragem de o apregoar aos amigos, nas palestras dos cafés e das esquinas. A grande bandeira de Monsanto pretendeu ocultar-se, para não desrespeitar o modo de ser dos seus amigos que tanto a tinham admirado placida e tranquila e se irritariam pela nova função de que era revestida! Recolheu-se nas suas proprias dobras, e quando se esperava o grito de guerra das suas côres tremulando ao vento, deu-nos, a nós que frementes de entusiasmo a viamos subir magestosa prêsa à adriça, o exemplo frisante da população de Lisbôa escondida em casa.

Da grande bandeira, tinha-nos ficado um ponto branco tremulando no cimo da antena da telegrafia, e, que não representava por certo o brado de guerra e da vitória desejada, mas quiçá o anuncio do revéz que vinte e quatro horas depois, nos desfazia. Arreará-na do seu pedestal onde fôra arvorada, essa bandeira bem conservadora que nunca tinha sido habituada a ter vontade, e que era bem a representante dessa maioria que deseja, mas não se resolve a realizar.

A outra bandeira que foi arvorada galhardamente em Monsanto, subindo ao ceu azul das suas côres, ao mesmo tempo que a sua irmã maior mos sem que para ela tivessem sido as honras dos toques de clarins, essa bandeira era pequena de dimensões, mas bela como nenhuma outra que represente a Patria. Essa bandeira pequena, que mãos devotas do seu culto ali levaram, era a representante do primeiro grito de guerra soltado contra os intrusos; essa bandeira sagrada pelo sangue vertido à sua sombra, é pequena de tamanho e pequena pelo numero dos que a tinham seguido com fidelidade e Fé, mas é enorme pelo seu passado; mas é enorme pelo o que a sua acção representa em serviços á Nação, pois foi baptisada no exilio e consagrada em Vinhais, Casares e Chaves!

Essa bandeira, é aquella em tórno da qual nos juntámos na Galiza com Henrique Paiva Couceiro; é aquella que jurámos defender na noite memoravel da Serra da Sanabria; aquella que mulheres portuguezas beijaram chorando, em Cova da Lua, Espinhozela e Sotelinho da Raia, manchada por fim pelo sangue generoso do querido Faustino, um dos soldados fieis ao seu Rei, que em Chaves baqueou. É a representação e o guia da minoria combatente da Causa.



Essa bandeira que foi salva em Monsanto, existe, para guiar ainda um dia o nosso esforço na salvação de Portugal! Bandeira que tremulou em Monsanto gentil e altiva caíu com a honra com que costumam tombar os soldados, caíu com o mastro que a sustinha quando uma granada a derrubou. Mas ela ficou incolume, sem uma beliscadura, sem que um estilhaço a tenha sequer ferido, e espera que as nossas mãos a hasteiem de novo para nos conduzir á vitória, a nós os de vontade, os novos, os combatentes, que nela vemos, com o ardor da nossa Fé, a remissão de nós proprios e da Patria, berço dos nossos avós, berço dos nossos filhos.

Janeiro — 1925.

*José Pedro Folque.*

## A MASSA AMORPHA

*revistas*  
Era alegre e festivo o aspecto do Porto na manhã de 20 de janeiro de 1919. Pelas ruas, muitos e numerosos bandos de populares aclamavam com enthusiasmo a Religião e a Patria, El-Rei e Paiva Couceiro.

Os acordãos do Hymno resoavam por toda a cidade.

Associações de classe, corporações, azylos e collegios passavam levando, junto com os estandartes, a sua adesão á Monarchia e os seus cumprimentos a Paiva Couceiro.

Havia gente que se abraçava outros que soluçavam.

Recordo uma pobre velhinha, vendedora de castanhas, que me disse poder finalmente morrer socegada porque vira Paiva Couceiro.

A satisfação, de facto, era geral.

Nasciam bandeiras nas janellas. Se rara era a casa que n'esse dia, não desfraldára a bandeira azul e branca, rara foi a janella que a não desfraldou conhecido o texto do radio enviado pelo conselheiro Ayres de Ornellas dizendo achar-se em Monsanto acompanhado por grossos contingentes de tropa.

Redobrou o enthusiasmo redobraram as manifestações chegou-se ao delirio.

Horas apoz, a estação radio-telegraphica de Monsanto deixava de funcionar. O que será? Todos perguntavam e ninguem respondia. Os mais optimistas attribuiam o caso a um desarranjo no aparelho. Era possivel! Era mesmo certo! Amanhã o aparelho funcionaria! Esse amanhã, porém, passou sem que o aparelho funcionasse.

No dia immediato era facil de vêr menos bandeiras nas janellas. E, uma a uma a pouco e pouco, pela escuridão da noite, foram-se as bandeiras sumindo...

*D. Ruy da Camara.*

## ECOS

O ANIVERSÁRIO DA MONARQUIA DO NORTE  
E DE MONSANTO.

Passa nos próximos dias 19 e 23 do corrente mês de janeiro o 6.º aniversário da proclamação da Monarquia no Porto e nas provincias do Norte de Portugal, e do combate tristemente glorioso da serra de Monsanto.

E' cedo para se fazer a historia d'esses successos politicos e militares, mas é sempre tempo de glorificar os vivos e de recordar aqueles que n'elles perderam a vida, em serviço da Patria e do Rei. E' o que a Acção Realista vem fazer hoje; e para que essa comemoração fosse condigna e brilhante pediu a alguns dos mais valorosos officiaes, de diversas armas, que honram as suas fileiras, e em 919 expuzeram heroicamente a vida, que viessem trazer a estas páginas o valioso depoimento das suas impressões sobre Monsanto e a Monarquia do Norte.

Assim este número da «Acção Realista» é enriquecido com cinco artigos dos nossos queridos amigos capitão Carlos Veloso, capitão Delfim Maia, tenente Francisco Xavier Quintela, José Pedro Folque e D. Rui da Camara (Ribeira). Combatentes da Galiza uns, combatentes de 919 todos, a emoção com que nos falam, os episódios que nos vêem narrar são preciosos documentos para a historia definitiva dessas lutas pela Nação.

E' esta a singela mas sentida homenagem da Acção Realista Portuguesa a todos aqueles que há 6 anos, desfaldaram e defenderam valorosamente a bandeira de Portugal.

## NO BOM COMBATE

Dentre as muitas inscrições que ultimamente se têm effectuado nas fileiras do nosso movimento, duas queremos salientar pelo seu significado e pelos elementos valiosos que trazem para conosco continuarem a luta pela libertação de Portugal.

Uma é do sr. D. José Manuel Barahona (Esperança). Temperamento combativo de organisador que não desfalece, deixou o seu nome bem vincado na expansão do Integralismo Lusitano pela Provincia, Nacionalista cheio de fé nos destinos da Patria, contamos que a sua actividade inteligente muito fará pela Acção Realista Portuguesa.

A outra é a do distinto engenheiro sr. Rodrigo Queiroz de Sousa Pinto. Vogal da antiga Junta Provincial da Beira Maritima do Integralismo Lusitano, titulo que só o pode recomendar á nossa estima e consideração, temo-lo encontrado sempre pronto para

a defesa dos bons principios. O seu nome honra a Acção Realista, e da sua dedicação muito temos a esperar.

Aos dois amigos que o tempo afastou de nós, mas que o amor á terra portuguesa de novo reúne sob a nossa bandeira, as nossas saudações.

PREVENÇÃO *ORIGEM*

Uma figura de aspecto venerando que milita na ala monarchica constitucionalista, permitiu-se formular, no lugar sagrado do Cemiterio dos Prazeres, em voz alta de modo que várias pessoas ouviram, apreciações desrespeitosas e menos verdadeiras a respeito do sr. dr. Alfredo Pimenta, quando este nosso amigo, em nome da Acção Realista e perante emoção geral, proferia palavras de admiração e de saudade pelo espirito gentilissimo de Anibal Soares.

O caso não tem grande importancia attendendo á origem da provocação. No entanto sempre queremos prevenir o insensato cavalheiro de que, para outra vez que se lembre de apreciar menos correctamente a Acção Realista ou aqueles que com lealdade e isenção nela trabalham, o caso será posto a claro sem contemplações e a lição será dada com a firmeza que as circumstancias indicarem.

## HENRIQUE DE MENEZES PARREIRA

Concluiu brilhantemente a sua formatura em medicina o nosso querido camarada e amigo, delegado da Acção Realista em Coimbra, sr. dr. Henrique de Menezes Parreira.

Soldado da Causa Monarchica desde a primeira hora, a qual tem servido com a maior dedicação e isenção, Henrique Parreira conta em todos os que o conhecem um amigo e um admirador.

A Acção Realista Portuguesa orgulha-se de o contar no número dos seus mais activos e prestigiosos representantes, e neste momento em que o vê entrar na vida prática, envia-lhe um grande abraço, fazendo votos por que inicie a sua carreira com o exito que a sua intelligencia e o seu character merecem.

## VICENTE FARIA

Chega-nos á ultima hora a noticia da morte deste valente official, combatente de Flandres e de Monsanto, nobre character e belo coração.

No proximo número lhe dedicaremos algumas palavras de saudade.

# UM ANO

17-Jun-1925

Completa depois de amanhã um ano a Acção Realista Portuguesa. Este facto obriga-nos a lançar um olhar retrospectivo para o caminho percorrido — cheio de espinhos, de contrariedades, de incertezas, mas também de alegrias e de esperanças. Se nos perguntarem se alcançámos o nosso fim diremos que não, mas se interrogarem cada um de nós — a quem um alto idealismo nacionalista levou a lançar as bases deste movimento — estou certo que cada um de nós responderá que se sente satisfeito pelo que se fez e pelo que se poderá fazer.

Recordemos os factos. A Causa monárquica, depois do belo triunfo das eleições administrativas, de 1922, bocejou, espreguiçou-se, e estirou seus membros laços numa estagnação visinha da morte. Aponta-se uma excepção: as Juventudes Monárquicas, sentinela vigilante que procurou sempre dar o «alerta» num acampamento onde não se devia dormir.

Mas eis que o órgão officioso da Causa monárquica, veio declarar, sem mais rodeios, que o fim da mesma Causa era restaurar a Monarquia constitucional de 1910. Tal afirmação não podia passar em julgado. Na obediência a El-Rei encontravam-se monárquicos de diversa origem, que nenhuma ligação tinham nem queriam ter com o liberalismo da Carta, que o condenavam até, e que se encontravam reunidos em torno da bandeira azul-e-branca mediante garantia, firmada em solenes declarações anteriores, de que essa bandeira, já gloriosa, deixara de ser dum partido para ser a da Nação. E agora o órgão officioso da Causa monárquica vinha afirmar o contrario e obrigar esses monárquicos a atraiçoar a sua intelligencia ou a abandonar a Causa de El-Rei?! Era necessario esclarecer o caso! E assim nasceu a mensagem de 8 de Dezembro de 1923.

Só quem fôr medularmente liberalista ou estruturalmente inepto não reconhecerá a justiça e, digamos até, as vantagens daquela petição dirigida em termos claros e respeitosos ao Logar-Tenente de S. M. El-Rei. Subscreveram-na 600 pessoas, e milhares a teriam subscrito se tivesse havido tempo e preparação para isso. Mas subscreveram-na nomes dos mais prestigiosos, dos mais combativos e dos mais prestimosos da Causa monárquica. Subscreveram-na quasi toda a ala valorosa da Galiza e de Monsanto; subscreveram-na pessoas que viviam afastadas, desiludidas, a quem as inteligentes declarações daquele documento chamaram de novo ao combate por um Portugal izento de estrangeirismos, um Portugal tradicional, livre, bem nosso, bem portuguezes.

Grande lição de disciplina e patriotismo deram os signatarios da Mensagem ao sr. cons.<sup>o</sup> Aires de Ornelas, constituindo, na assembleia de 18 de Janeiro de 1924, a Acção Realista Portuguesa.

\*

A Causa monárquica era uma Causa amorfa, não diremos acéfala, mas descerebrada. Servida e representada embora por muitas intelligencias, era uma Causa sem uma finalidade intelligente, vivendo à mercê da politiquice de cada dia. Sem um grande idealismo não se faz uma grande revolução, e os corpos dirigentes da Causa monárquica mostravam

apenas pretender substituir o Terreiro do Paço republicano pelo Terreiro do Paço monarchico. . . A Acção Realista Portuguesa — recolhendo a herança do Integralismo Lusitano e pretendendo continuar-lhe a obra magnifica de educação, de preparação, de *nacionalização* — veio dar intelligencia à Causa monarchica. Uma intelligencia, por emquanto pequenina, mas uma intelligencia. Desde o dia em que se publicou o primeiro número da nossa revista, a Causa monarchica deixou de ser uma Causa descerebrada.

Hoje, ha dentro da Causa um órgão que pensa. E a sua acção, porque representa pensamento, é tão salutar, que já se fez sentir no manifesto ao país subscripto pelo Conselho Superior da Politica Monarquica.

Nesse documento, a Causa monarchica revela dois propósitos ambos dignos do maior louvor, e ambos constituindo as primordiais aspirações da Acção Realista Portuguesa.

O primeiro é o de abandonar o seu aspecto negativista de partido politico que pretende apenas alcançar o poder sem cuidar de que o que ha a fazer não é uma simples revolta politica mas uma profunda renovação social.

O segundo é o de mostrar a Causa monarchica desligada do juramento que ainda hoje prende El-Rei à Carta Constitucional.

El-Rei considera-se prêso, por um escrúpulo pessoal de consciencia, ao Estatuto que jurou. Mas a Causa que El-Rei representa, porque é da Nação, é que não podia de forma nenhuma permanecer ligada a um estado de coisas transitorio, para muitos monarchicos funesto, e que tanto a tradição portuguesa como as novas gerações, libertas do preconceito democratico, repudiam por contrario ao interesse nacional. Foi sempre esta a doutrina que a Acção Realista defendeu. Foi sempre por este principio que a Acção Realista pugnou para se poder considerar — embora conservando a sua autonomia — dentro da Causa monarchica.

Esse seu desejo foi satisfeito. Quatro trechos do manifesto o atestaram claramente.

O primeiro é o que resa assim :

«A Monarquia restaurada adoptará este largo e honrado criterio, emancipando se de um regalismo porventura mais fadado para agitar perturbações e desconcertos, do que para definir e defender quaesquer direitos.

«A situação da Igreja Catholica em Portugal será regulada de perfeita harmonia com o Chefe Supremo da Christandade, a Santidade do Pontifice Romano, não lhe regateando o Estado, presidido pelo Rei Fidelissimo, nenhuma das liberdades a que tem jus. Haverá a liberdade de associação religiosa, haverá a liberdade de ensino religioso ; haverá a honrada restituição á Igreja de todos os salvados do seu patrimonio, da selvatica e imbecil devastação que lhe applicou a Republica, e bem assim, se assegurará ao clero, os meios necessarios para o exercicio da sua missão moral e social.»

Não será necessario repetir que estas declarações estão em contradição manifesta não só com o espirito mas com a letra da Carta Constitucional.

O segundo é este :

«A legislação a promulgar sobre o trabalho, virá isenta dos velhos erros do individualismo liberal e dos do socialismo. Considerando que depois dos laços de familia, são com certeza os da comunidade de profissão que estabelecem naturalmente entre os individuos mais intima ligação, pela identidade de aspirações e interesses, a Causa Monarquica attenderá ás condições da propriedade e da paz social, nas relações do capital e do trabalho, promovendo e regulando a formação de syndicatos ope-

rarios, patronaes e mixtos, organisados nos corpos profissionaes, de conselhos de profissão regionaes; de camaras regionaes de trabalho; de um conselho economico nacional de maneira a obedecer á formula: a associação livre na profissão organizada.

«Será facultado aos syndicatos o direito de propriedade collectiva, afim de que possam constituir patrimonios cooperativos.»

Ora o decreto de 7 de Maio de 1834, que dissolve as corporações profissionais, diz:

«Não se coadunando com os principios da Carta Constitucional da Monarchia, base, em que devem assentar todas as disposições Legislativas, instituições de Juiz e Procuradores do Povo, Mesteres, Casa dos Vinte e quatro e classificação dos diferentes gremios; outros tantos estorvos à industria Nacional, que para medrar, muito carece de liberdade que a desenvolva e protecção, que a defenda: Hei por bem, em Nome da Rainha, Decretar o seguinte:

Art. 1.º — Ficam extintos os logares de Juiz, e Procuradores do Povo, Mesteres, Casa dos Vinte e quatro e os gremios dos diferentes Officios.»

Portanto a reorganização dessas corporações é incompativel com a Carta Constitucional. Outro tanto sucede com a descentralização administrativa prometida no manifesto.

O terceiro é a afirmação de que «a «Monarquia restaurada terá de ser tradicionalista». Representaria impertinência provar como, sendo tradicionalista, é implicitamente regida por estatuto que não poderá ser o de 1826, nem outro que se lhe assemelhe.

E finalmente o quarto é o seguinte:

«Como se tem dito e redito, a constituição politica da Monarchia restaurada e a successão da Corôa, estão condicionadas pelo accôrdo assignado em Paris, em 17 de Abril de 1922. A eleição das côrtes gerais da Nação Portugueza, ás quaes competirá a resolução de tão momentosos problemas, será regulamentada de modo, a que n'ellas hajam condigna representação, todos os grandes e justos interesses sociaes.»

Escusado será acentuar que a Acção Realista Portuguesa considera a palavra *eleição* ali empregado no sentido de *constituição* ou *convocação*, e que a regulamentação dessa *eleição* não poderá ser feita com a vigencia da Carta Constitucional.

Doutro modo — como nesta revista já se tem dito — as Côrtes que se constituissem seriam um parlamento politico, inorgânico e anti-nacional, e de antemão se sabia que a Constituição aprovada seria novamente a Carta ou outro Estatuto com os mesmos vicios liberais. Pois quem acredita que uma assembleia politica tenha a intelligencia e a isenção de lavrar a sua propria sentença de morte?

Está portanto liberta do cadaver da Carta Constitucional toda a Causa monarchica portuguesa. ) )

Parece que vamos entrar em vida nova, e tal promessa é a melhor prenda que podiam oferecer ao nosso movimento na data do seu anniversário.

A Acção Realista Portuguesa sente-se portanto satisfeita ao cabo de um ano de jornada. A sua constituição representou uma afirmação de intelligencia, de mocidade, e de fé nacionalista. As suas afirmações doutrinárias e a sua combatividade agitaram a Causa monarchica, chamaram á actividade belos elementos afastados ou dispersos, e, dentro da sua limitada acção, tem exercido uma influencia educativa cuja necessidade era manifesta. Lutando com más-vontades, com descrença, com falta de recursos, sem ter ainda um jor-

nal órgão necessario para a sua expansão, tem vindo num desenvolvimento crescente que se denuncia no interesse que despertam as suas conferencias, no aumento de tiragem desta revista, nas adesões e aplausos que chegam de vários pontos do país, na simpatia com que é acolhida nos meios escolares, no acrescimo da sua organização, e nas muitas e grandes dedicações que tem encontrado sempre a servi-la.

Isto é já alguma coisa, sem duvida, e num ano não se poderia ir muito além. Mas nós que servimos a Acção Realista não como fim mas como meio de operar a restauração integral da nação, ambicionamos bem mais ainda.

As ultimas declarações do Conselho Politico permitem-nos esperar que de futuro conosco colaborem os vários elementos da Causa monarchica desde os seus corpos dirigentes até aos seus jornais. Porque é evidente que a acção do Conselho Superior não pode limitar-se a fazer aquelas declarações e a regressar à situação anterior de simples instrumento do indigesto cosinhado eleitoral. O Conselho precisa sustentar, confirmar, desenvolver e aprofundar aquelas declarações. A sua imprensa precisa levar dia a dia, àqueles que confiam na Causa monarchica, a explicação das razões e das vantagens e das necessidades e das verdades que aquelas declarações encerram. Senão, o Manifesto foi tinta e papel deitados à rua, e as enovações que êle contem falaciosas promessas que mais valeria não terem sido feitas.

Depois, a Acção Realista continua a desejar e trabalhar por que se desfaçam mal entendidos, se limem arestas e se acabe por dar cumprimento integral ao Pacto de Paris. Como várias vezes temos acentuado, consideramos de sumo interesse geral a formação da frente única de todas as energias nacionalistas anti-liberais. Esperamos que uma alta compreensão do interesse pátrio e o nosso esforço conciliador conseguirão atingir esse desideratum.

E finalmente, educando, moralizando e organizando as massas, vitalizando os organismos nacionais, dando-lhes a consciencia da sua força e do seu dever, conseguiremos vibrar o golpe que ha-de produzir a Contra-Revolução.

Nesse dia, sim, a Acção Realista terá cumprido plenamente a sua missão.

Até lá, nem vaidades nem desfalecimentos. Ela, por exemplo não festeja o seu aniversario com um jantar e brindes ao «champagne», o que está tanto em voga. Mas pede a todos os seus amigos que entreguem a verba que destinariam à inscrição no banquete, para fundo do seu jornal. Tambem não alimenta falsamente esperanças afirmando que a Restauração está para breve. Não está, infelizmente. Mas, por isso mesmo, apela para o esforço de todos afim de que se unam e produzam energia capaz de apressar essa hora de redenção. Festejem o aniversario da Acção Realista contribuindo para a sua bolsa, multiplicando os meios de propaganda e engrossando as suas hostes combativas.

E como o que ela, em ultima análise, pretende é libertar as inteligencias e libertar a Grei do jugo aviltante das ideias e das seitas estrangeiras, e restituir a raça portuguesa à pureza da sua evolução secular própria, a Acção Realista bem pode comemorar o seu primeiro aniversario adoptando como divisa — que será um penhor de honra — o grito libertador dos cavaleiros de Almacave:

— «*Nos liberi sumus et noster rex liber est.*»

«Nós somos livres e livre é o nosso Rei.»

# Acção Realista Portuguesa

## A «Realeza» declara-se órgão da A. R. P. em Trás-os-Montes

Conforme noticiámos, a Acção Realista Portuguesa conta, desde 4 do corrente, com um órgão na imprensa representante e propulsor das doutrinas e dos interesses do nosso movimento na província de Trás-os-Montes: — é o brilhante semanário «A Realeza» que se publica em Vila Real.

O seu número 140 insere em editorial uma proclamação da Comissão Executiva da Acção Realista dirigida «aos povos de Trás-os-Montes», da qual recortamos os seguintes períodos:

.....  
A Acção Realista não é um partido que pretenda ser governo e precise captar os favores do eleitorado para ter votos, nem é tampouco uma bocêta mágica donde amanhã sairão elixires capazes de transformar num instante o nosso arruinado país num Eldorado terreal. Não. A Acção Realista Portuguesa é uma escola e um movimento. Escola onde se estudam os problemas vitais da nacionalidade e se pretende fazer reviver as virtudes seculares da nossa Raça. Movimento que, baseado numa clara visão dos superiores destinos da Pátria, será, dentro em pouco, a única força capaz de enfrentar os vícios do presente e de operar uma profunda e benéfica renovação social.

Negando toda a mitologia traiçoeira que gerou a Monarquia liberal e a República, a Acção Realista busca nos fundamentos da nacionalidade portuguesa os elementos naturais e permanentes que condicionaram o seu desenvolvimento e o seu esplendor.

Depois de resumir o programa doutrinário da A. R. P., exorta a gente trasmontana e recorda as suas façanhas.

Foi com gente de Trás-os-Montes que o conde Henrique e D. Afonso I rechassaram para o sul o crescente serraceno; foram as vilas trasmontanas das primeiras a aclamar o duque D. João Rei de Portugal: «*Joannes quartus rex nobis venit ab alto*». Com o primeiro Conde de Amarante, Trás-os-Montes fez frente às águias de Napoleão; e com o segundo foi ela quem soltou o primeiro grito contra o liberalismo triunfante e desnacionalizador. Foi pela fronteira trasmontana que Paiva Conceiro e a sua coluna entraram em terras de Portugal; e, finalmente, foram as serranias de Trás-os-Montes as últimas a guardar fidelidade à bandeira azul-e-branca, na Monarquia de 1919.

Com tão nobres tradições, como não há-de a Acção Realista Portuguesa orgulhar-se de encontrar em Trás-os-Montes os seus núcleos, mais aguerridos, e de

ver um brilhante periódico como a «Realeza» enfileirar a seu lado?

E termina:

Saudando todos os povos dessa provincia a um tempo tão característica e tão portuguesa, a Acção Realista beija respetosamente a mão dos seus dois ilustres pastores, os Prelados de Bragança e Vila Real, chefes da Igreja que a Acção Realista serve como serve a Pátria, porque antes de defender os direitos do Rei, defende os direitos de Deus.

Depois sauda o seu delegado, sr. dr. Sebastião Antas Botelho, a Junta Municipal de Vila Real, e todas as delegações concelhias da provincia, o semanário «A Realeza» e os que nele trabalham, e, enfim, todos os trasmontanos rijos de caracter e de ténpera que, na hora libertadora, mais uma vez saberão manifestar a sua fidelidade

a DEUS, á PATRIA e ao REI.»

Por sua vez, a redacção, num artigo intitulado «Aos nossos leitores», expõe os motivos que a levaram a inscrever o seu jornal neste movimento:

«Intitula-se a partir de hoje «A Realeza» «órgão da Acção Realista Portuguesa em Trás-os-Montes». Impõe-nos, a consideração que votamos aos nossos leitores e a todos os monárquicos que de algum modo contribuam para a fundação e manutenção do nosso jornal, o dever de justificarmos a nossa atitude.

Os principios, que na noite revolucionária de 4 de Agosto de 1789 foram proclamados em França como sendo o inultrapassavel em sciência politica, derruíram estrondosamente perante a análise que a mentalidade moderna sobre eles fez incidir. Geraram na sua vigência uma sociedade egoista, e alcançaram ás culminâncias supremas do mando incompetências, em geral, e criminosos muitas vezes.

E depois de registrar a falencia dos regimes democraticos — republicas ou monarquias liberais — conclui:

Nós, os que modesta mas sinceramente, trabalhamos na «Realeza» queríamos uma monarquia onde não houvesse politics, onde houvesse competencias. Não queríamos trabalhar para trabalhar, queríamos trabalhar para vencer, dando á nossa Pátria o melhor do nosso esforço para que um regimen de Nacionalismo puro lhe desse novamente dias de glória. Por isso aderimos

## ACÇÃO REALISTA

francamente, sinceramente á falange intemerata da Acção Realista Portuguesa.

Daqui por deante lutaremos, com todas as nossas forças para que tenhamos:

A organização da Sociedade, tendo por células primárias a Família, o Municipio e o Sindicato Profissional;

Um Rei que governe e escolha livremente os Ministros responsáveis perante Elle;

Enfim, uma Monarquia liberta de todas as mentiras democráticas, expressão fiel da Tradição portuguesa e do Verdadeiro Interesse Nacional.

E' isto o que nós queremos.

O futuro brilhante da terra bendita em que nascemos é o objectivo em que nascemos.

E' o que, estamos certos, querem os nossos leitores, porque, como nós, hão-de sentir, no intimo da alma o amor da Pátria.

E com os olhos fitos na bandeira de Aljubarrota

— nessa bandeira que no mastro dos galeões levou a Cruz de Cristo aos reconditos confins do Mundo, — sob o comando do heroico Comandante da Galiza, H. de Paiva Couceiro, nós lutaremos até á victória para que em Portugal a trilogia mentirosa dos Democráticos seja substituída por — Deus, Pátria e Rey.»

Eis como a importante fôlha vilarealense, reconhecendo a necessidade de se crear um idealismo integral para que o acto violento da restauração resulte benéfico para o país, se acolheu á bandeira do nacionalismo puro que desfraldámos há um ano, e vem assim contribuir para mais rápido e completo triumpho dos bons princípios em Portugal.

A «Acção Realista» também saúda «A Realeza» e essa falange de valorosos rapazes que néla trabalham cheios de entusiasmo e de fé, que vêm secundar e intensificar a campanha renovadora por Portugal maior.

### A conferência do sr dr. Alvaro dos Reis Torgal

Estava despertando grande interesse a annunciada conferencia do nosso amigo, advogado distinto e official combatente de Monsanto, sr. Alvaro dos Reis Torgal, subordinada ao título:

#### «A CAUSA MONARQUICA PERANTE A REPUBLICA»

Antes da hora marcada, já a vasta sala do palácio Murça se encontrava repleta de gente, entre a qual se viam muitos combatentes da Causa monarquica, que não costumam concorrer a estas sessões, e grande número de pessoas de destaque na sociedade, e de estudantes.

Tomou a presidencia o sr, conselheiro Antonio Cabral que, depois de convidar para secretarios os dois prestigiosos officiaes combatentes de Monsanto, srs. Sobral Figueira.

e Delfim Maia, recebidos com muitas palmas, deu a palavra ao conferente.

Na impossibilidade, por falta de espaço, de inserirmos hoje na integra a conferencia do sr. dr. Reis Torgal vamos tentar resumir o seu pensamento.

Começou por afirmar ser o momento presente um momento de acção e não de palavras.

«Não vou atacar a Republica, nem tão poucos vou defender os principios monarchicos. *Por a Republica falam eloquentemente os seus 14 anos de existencia.*

«Quanto á defesa dos principios monarchicos, parece-me ella bem dispensavel, estando eu a falar perante um auditorio retintamente monarchico. *Eu não passo convencer a serem monarchicos aqueles que já o são.*»

A attitude dos politicos monarchicos de 1910, é asperamente verberada pelo conferente. Os cha-

cados *adesivos* são tambem alvo da critica áspera do sr dr. Reis Torgal, que narra em seguida a situação desoladora em que Couceiro se viu na Galiza, quasi desacompanhado das dedicações com que tanto contava para restaurar a Monarquia em Portugal.

Depois, o orador tem palavras de fé:

«A geração nova creada e educada num periodo de guerra e de luto, em nada se parece com aquella que tuha vivido durante o longo, comodo mas pernicioso periodo de paz que teve como termino o desabamento do trono e a implantação da Republica.

«E', pois, aos novos que me dirijo, áqueles que com convicções mais arreigadas entendem que devem á Patria e aos seus ideaes politicos um pouco mais do que apenas prudentes e comodas afirmações, segredadas a medo aos ouvidos de intimos e discretos amigos.

«A Republica está falida! — clama veemente o orador — e no entanto nós não sentimos que a causa monarchica esteja mais fortalecida!»

Falando em seguida do engrossamento dos chamados partidos *avanzados*, o orador explica: «E' que só criam adeptos os regimens que mostram vontade de vencer por a sua energia e actividade».

Referindo-se ainda aos que depois de 1910 aderiram á Republica, o sr. dr. Reis Torgal pondera:

«Não aderiram á Republica apenas aqueles que inscreveram os seus nomes em qualquer chafarica republicana *aderiram de facto tod's aqueles que, acomodando-se ao novo estado de cousas, vivem nas melhores relações com a Republica* e os homens que á sombra dela e deles puderam fazer toda a serie de negocios mais ou menos incompreensíveis mas rendosos.



Explicando como deve ser atingida a referida vitória, o orador diz :

«Por vezes meus. senhores, temos que sair fóra da Lei para entrarmos no Direito.»

«Tanto os individuos como os países conservadores, tem uma exagerada e errada noção de legalidade.»

«No dia em que a Causa Monárquica — termina o orador — mestre ao país que está disposta a vencer e a esborraçar do templo da Pátria os vendilhões que a infamam e comprometem, (e isto transformando-se num verdadeiro exercito em pé de guerra, pronto a tomar a ofensiva num curto espaço de tempo, tendo á sua frente chefes capazes de a comandar e de a levar ao triunfo) nesse dia, tê-lo-ha em peso consigo, a Republica estará morta e a Pátria salva.

«Não enveredando por esse caminho e contentando-se a Causa Monárquica apenas com uma fraca e

frouxa politica de opposição, legal, ela desaparecerá a pouco e pouco até ceder por completo o logar ao bolchevismo activo e triunfante.»

Uma estrondosa salva de palmas reboou por muito tempo, quando o orador pronunciou estas ultimas palavras.

O presidente, sr. conselheiro Antonio Cabral, fez o elogio da palestra que acabava de ouvir, acentuando, com grande eloquencia e desassombro, a necessidade de usar meios violentos para se restabelecer a ordem em Portugal.

Disse ainda algumas palavras o sr. Leonardo Horta e, por fim, o Secretario da A. R. sr. Laertes de Figueiredo, pediu aos assistentes que auxiliem a proxima publicação do diario, orgão da Acção Realista.

## A A. R. P. nos funerais de Antonio Sardinha e Anibal Soares

Logo que em Lisboa se soube da morte do eminente escritor dr. Antonio Sardinha, a Comissão Executiva da Acção Realista enviou para Elvas os seguintes telegramas :

«Madame Antonio Sardinha.

Acção Realista Portuguesa apresenta expressão mais sincera e profundo pesar horrivel golpe Vossa Excelencia acaba sofrer grande perda para a Nação.

«Dr. Pequito Rebelo.

Acção Realista Portuguesa envia Junta Central Integralismo Lusitano as mais sentidas condolencias fallecimento apostolo nacionalismo grande português Antonio Sardinha. — Comissão Executiva.»

Nos funerais, que constituiram uma grande manifestação de pesar, a Acção Realista Portuguesa fez-se representar pelo nosso amigo e distinto colaborador sr. Fernando Campos. A Junta Escolar de Coimbra da A. R. P. pelo sr. José Picão Telo; os srs. drs. Alfredo Pimenta, Alberto Reis, e Caetano Beirão, pelo sr. Fernando Campos; e o sr. dr. Frederico Perry Vidal pelo sr. dr. Vicente Moreira.

Enviaram tambem telegramas de condolencias a Junta Escolar de Coimbra e a Junta Municipal de Vila Real.

A Comissão Executiva convidou na Imprensa todos os monarchicos inscritos na Acção Realista Portuguesa a incorporarem-se no funeral do sr. dr. Anibal Soares, director do «Correio da Manhã».

No cemiterio, o sr. dr. Alfredo Pimenta proferiu o sentiðissimo discurso que a seguir reproduzimos :

«Meus Senhores !

A Acção Realista Portuguesa confiou-me o sacrificio que só eu sei calcular, de falar deante do cadaver

ainda tepido de Anibal Soares. O meu espirito não está sereno, não se domina, não raciocina bem, porque neste momento de angustia, todo eu sou coração, e só o meu coração fala. Deante dum tumulto que se abre, todas as divergencias desaparecem, para vir á superficie, na plenitude das suas linhas o que nos unia, o que entre nós houve de comum : desejo da integral e fecunda reconstituição da Nação. Não trilhamos, o pobre morto e nós, caminhos divergentes, mas sim caminhos para ellos que em certa altura, convergiam. Ele e nós amamos a Patria portuguesa. Ele com as suas doutrinas e os seus processos, nós com as nossas doutrinas e os nossos processos, vivavamos a felicidade e a grandeza da Patria. A este ideal superior, sacrificou Anibal Soares tudo. Este homem de alma pura e espirito puro foi nesta epoca de baixos materialismos e de faceis comodismos um sacrificio por um ideal — por este ideal que abrigamos todos no nosso peito, e a quem amamos profundamente. Podia ter sido rico, porque era inteligente; podia ter sido rico, porque era audaz; podia ter sido rico, porque era ardoroso no combate. Mas a sua intelligencia, a sua audacia, o seu ardor, pol-os ao serviço do ideal que para muitos talvez será irrealizavel, inatingivel mas para que caminhamos com a mais profunda fé. E' preciso, por honra dela, não abandonar a trincheira do combate, continuar a sua obra, e apontar o seu coração impoluto e a sua dedicação constante como exemplos, porque este País precisa, hoje, mais do que nunca, de corações impolutos e de dedicações infatigaveis. Fomos amigos, desde a primeira hora em que me chamou para seu collaborador. E as divergencias que surgiram não abateram essa amizade. Ah ! Senhores, que esforço incrível eu estou fazendo para reter as lagrimas e não dou a vossas excelencias o espectáculo do meu abatimento ! Mas eu sinto que a sua alma gentilissima que nos está escutando nos diz que não nos embaracem as lagrimas, as tristezas, o desconsolo e a saudade. Ella diz-nos que continuemos a lutar, sigamos para a frente, sempre para a frente, tomando os que caem por

estímulo, e não por embaraços. Tenhamos fé, ponhamos os olhos no alto ideal que nos uniu, e para a realização do qual, ele e nós, cada um com os seus princípios, temos vindo a trabalhar Anibal Soares era um bom; e a sua amizade era para mim tão grande que hoje a minha dor é tão intensa como se eu fosse nesta hora que passa, o seu colaborador que fui durante anos. Lembremol-o sempre, porque é digno disso. E por esse motivo, a Acção Realista Portuguesa abate neste momento a sua bandeira doutrinária deante do cadaver de Anibal Soares, na homenagem mais profundamente sincera ao seu grande espirito e no seu grande coração.

O sr. conde de Sucena (José), o sr. dr. Ernesto Gonçalves e a revista «Acção Realista» achavam-se representados pelo sr. dr. Caetano Beirão.

— A Junta Escolar da Acção Realista de Coimbra, que se fez representar no prestito funebre pelo sr. Laertes de Figueiredo, enviou ao «Correio da Manhã» o seguinte telegrama:

*Redacção Correio da Manhã.*

*Coimbra Junta Escolar da Acção Realista estudantes Universidade apresentam sentidos peza-  
mes pela perda irreparavel do Dr. Anibal Soares.*

*a) Bento Caldas.*

— O nosso amigo sr. Laertes de Figueiredo representava tambem a Junta Municipal de Lisboa e a Secretaria Geral.

— A Junta Municipal da Acção Realista de Vila Real enviou o seguinte telegrama de peza-  
mes:

*Junta Municipal de Vila Real e Acção Realista choram a perda do vigoroso lutador do ideal monarquico.*

— O jornal «A Realeza» orgão da Acção Realista em Trás-os-Montes, mandou o seguinte telegrama:

*«A Realeza» associa-se á vossador pela perda irreparavel do distincto director.*

— O delegado da A. R. P. em Coimbra, sr. dr. Henrique de Menezes Parreira, enviou um telegrama de peza-  
mes á redacção do «Correio da Manhã».

## «A Acção Realista» e a Imprensa

O grande diário catolico «A Epoca», em seu n.º de 7 de corrente, transcreveu quasi na integra o artigo do nosso eminente colaborador sr. dr. Alfredo Pimenta, intitulado «O juramento de El-Rei» acompanhando-o das seguintes palavras que muito nos apraz registrar:

«Sob este titulo publicou ultimamente a Acção Realista um notavel estudo do nosso querido amigo e distincto colaborador Dr. Alfredo Pimenta. Versa-se nele um problema delicado da politica nacional com superior criterio cingido aos ditames da Moral catholica.

Com mão de mestre se dissipam as nuvens que o envolvem, mostrando-se que nenhuma prisão de consciencia derivam de um juramento que as circunstancias fizeram caducar.

A Causa Monarquica que é uma causa nacional não está prisioneira das formulas constitucionais do liberalismo, como a estas se não acha preso pelo juramento o seu Supremo Representante.»

O «Marcoense», semanário monarquico que se publica em Marco de Canavezes, publicou em editorial as notas da conferencia do sr. conselheiro Antonio Cabral, acompanhadas de palavras de elogio para o nosso illustre amigo.

«A Realeza», o orgão da A. R. P. em Trás-os-Montes, transcreveu no seu ultimo n.º, em fundo, o artigo do sr. dr. Laertes de Figueiredo intitulado «O momento monarquico».

Agradecemos.

O «Correio da Noite» publicou na integra a interessante conferencia do nosso prezado amigo sr. dr. Alvaro dos Reis Torgal a que noutro lugar nos referimos.

---

No proximo número — consagrado á memoria de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe — colaboração de: dr. Alberto Pinheiro Torres, conde de Mafra, prof. Azevedo Neves, cons. Antonio Cabral, e outros escritores.

# SUBSCRIÇÃO

PARA

## O Jornal da Acção Realista

aberta por esta revista

---

Transporte.....	14 901\$650
Antonio Ribeiro da Costa.....	7\$500
Alexandre Carneiro Giraldes.....	100\$000
Quirino Sousa Lima (quota mensal).....	4\$000
Irmãos «Ardes».....	20\$000
Conde de Silves.....	1.000\$000
José Saturnino.....	100\$000
Um integralista residente no Brasil.....	300\$000
José do Carmo.....	10\$000
J. C. M. ....	5\$000
Augusto Domingues Dias.....	100\$000
	<u>16.548\$150</u>

A todos, os nossos agradecimentos.

Está para breve o aparecimento do diário da Acção Realista Portuguesa. Que todos concorram, nesta hora, para a nossa subscrição, enviando donativos endereçados ao Tesoureiro da Secretaria Geral da A. R. P., sr. José Eugénio Duarte Ferreira. O nosso jornal não pode ser sustentado senão pelos inscritos na Acção Realista. Portanto que todos façam

**Propaganda !**

**Propaganda !**

# A ACÇÃO REALISTA PORTUGUESA

## QUERE:

A organização da sociedade tendo por células primárias a **FAMILIA**, o **MUNICIPIO** e o **SINDICATO PROFISSIONAL**;

A constituição dumas **CORTES GERAIS** representativas dos interesses da **IGREJA**, da **TERRA**, da **INTELIGENCIA** e da **PRODUÇÃO**;

**UM REI** que **GOVERNE** e escolha **LIVREMENTE** os seus ministros, **RESPONSÁVEIS PERANTE ELE**;

Uma **MONARQUIA**, emfim, liberta de todas as mentiras democraticas, expressão fiel da **TRADIÇÃO PORTUGUESA** e do ~~verdadeiro~~ **INTERESSE NACIONAL**.

---

**Monarquicos! Inscrevei-vos**

na

**Acção Realista Portuguesa**

Rua da Barroca, 59, s/loja — LISBOA